O LEITOR LITERÁRIO BRASILEIRO: A CULTURA DO *HYPERLINK* COMO PROCESSO NO ENSINO DE LITERATURA

THE BRAZILIAN LITERARY READER: THE HYPERLINK CULTURE AS A PROCESS FOR LITERATURE TEACHING

Ulisses De Oliveira[1]

RESUMO: O artigo pretende discutir a questão do leitor literário brasileiro na atualidade, com foco na mudança epistemológica da leitura e, paralelamente, indicar uma estratégia de ensino dos gêneros literários no contexto brasileiro que preserve, ao mesmo tempo, novas concepções de leitura, ideologias, suportes tecnológicos para o texto e as novas realidades do século XXI. O modelo de ensino literário pode ser idealizado a partir da aplicação da bidirecionalidade do *hyperlink* para apresentar o livro como alvo e âncora no processo educacional.
Palavras-chave: gêneros literários; *hyperlink*; leitor literário; novas realidades; tecnologia.

ABSTRACT: The article aims to discuss on the issues of Brazilian literary readership nowadays, focusing on the epistemological change of reading ways, and, at the same time, present an educational strategy of literary genres teaching in Brazil that preserves new concepts of reading, ideologies, technological supports for texts and new realities of the twenty-first century, equally. The literary teaching model can be designed from the application of the bidirectionality of the hyperlink to present books as targets and anchors in the educational process.
Keywords: literary genres, hyperlink, literary reader, new realities, technology.

[1] Ulisses Oliveira é Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Sao Paulo) e possui Mestrado na mesma área pela mesma universidade. Atualmente, atua como professor na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde leciona disciplinas correlatas às áreas de Língua Inglesa e Linguística. Além disso, atua no curso de Pós-Graduação (PROFLETRAS) na UFMS, orientando alunos e ministrando disciplinas correlatas ao ensino de Língua Portuguesa. Ele foi professor na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Coordenador do LEP (Laureate English Program) da Laureate International Universities e professor de Inglês na Escola de Negócios na Universidade Anhembi Morumbi, onde ajudou na implementação e, mais tarde, esteve a cargo de desenvolver a disciplina de Inglês na Escola de Negócios e Hospitalidade. A Universidade Anhembi Morumbi é membro da Laureate International Universities e tem como um de seus objetivos principais a internacionalização. Ficou decidido, à época, que a implementação do curso de Inglês seria na modalidade híbrida blended learning. Durante esse período, Ulisses lecionou Inglês para Marketing, Administração, Comércio Internacional, Hospitalidade, Turismo e Relações Internacionais. Ulisses também realiza pesquisa na área de ICT, com enfoque em blended e tandem learning para disciplinas curriculares de ensino integrado de língua estrangeira e conteúdos diversos para alunos de graduação. Na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, Ulisses desenvolve pesquisas na interface entre literatura e línguística, com enfoque na análise da transitividade, persuasão e ideologia. Ainda, possui experiência em Filologia Portuguesa e estudos diacrônicos envolvendo cantigas medievais Galego-Portuguesas, literatura barroca e modernismo.

1. Aspectos da modernização da leitura

As novas tecnologias certamente já mudaram os processos de leitura da humanidade, tanto no aspecto técnico, quanto no cognitivo, e muitos estudos já foram publicados a respeito (GOUVÊA, 1999, FERREIRO, 2001, SOARES, 2002; ALMEIDA; MORAN, 2005, entre outros). Sendo assim, do p[2]onto de vista prático, é muito mais fácil transportar num *I-Pad* os oito tomos da "História de Portugal" de Alexandre Herculano, do que carregá-los em valises. Entretanto, dispositivos eletrônicos de leitura como o *Kindle*, não resolveram só os problemas de transporte e armazenamento, mas foram capazes de criar os e-leitores.

No bojo desse novo formato de leitor veio o mito de que as pessoas hoje não lêem tão mais quanto as de antigamente, tema que abordaremos em profundidade mais adiante. A bem da verdade, as últimas gerações não são mais brilhantes ou melhores que seus ancestrais, mas, inversamente, a grande maioria das pessoas passou a ler contínua e intensamente num fluxo extremo de textos incessantes, mas em vez de ler jornais, editoriais ou romances, como fazíamos no passado, agora lemos textos em SMS e mídias sociais (e.g. *Facebook, Twitter, Instagram*, etc.) numa frequência assustadora. Ainda, se precisamos pesquisar algo, acessamos uma fonte de dados multiforme, como a *Wikipedia*.

Ironicamente e contrariando a fala que ecoa nas academias, tornamo-nos viciados em leitura, bem como produtores profissionais de texto. De certa forma, qualquer indivíduo que tenha uma conta no *Facebook*, por exemplo, pode assumir uma persona de cientista político sem maiores problemas. Obviamente, essa mudança na forma de leitura não poderia ocorrer sem que fosse acompanhada de uma mudança epistemológica. Sobre isso, Magda Soares afirma que

> em síntese, a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nas formas de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. (2002, p. 151)

A leitura tornou-se uma prática desajeitada e desordenada. Em certa medida, um médico do

século passado que aportasse no mundo de hoje por uma linha temporal, estaria muito propenso a diagnosticar qualquer pessoa que ele visse imersa no mundo online com TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade). De fato, a humanidade não está doente, mas quem poderia culpar o pobre doutor? Estamos sujeitos e sofremos com uma avalanche de informações e opiniões, de modo que estamos incrivelmente ocupados para analisar a matéria escrita que é, por isso, administrada com valor exponencial. Portanto, a leitura dinâmica passou a ser uma espécie de mecanismo de defesa contra um tsunami info-opinativo encorpado por histórias, reportagens, narrativas, descrições, análises e toda varia de texto.

A nova dinâmica de leitura-escrita coloca em risco nosso próprio sistema de crenças, ao mesmo tempo que o fortalece. Ramal (2002, p. 84) afirma que:

> Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

De acordo com o autor, a dimensão ideológica se sobrepõe ao discurso para refutar e validar nossas crenças. Ao lermos e comentarmos sobre a realidade, considerando que ela já foi construída na e pela própria busca do "ler", a leitura torna-se uma busca incansável de auto-validação. Quando o leitor/escritor reflete sobre o que está discutindo, com quem está discutindo e o porquê, logo nota que está inserido numa perene luta de pendões, a qual tem grande potencial para ser ideologicamente violenta. Com o surgimento das mídias sociais, o ativismo eletrônico consome horas infindáveis do dia-a-dia das pessoas, em especial dos mais jovens, a ponto de ter até se tornado profissão recentemente. A par do profissionalismo, a grande inserção digital coloca em cheque a afirmação de Moran, de 2005, de que "os alunos estão prontos para a multimídia, os professores, em geral, não." (p.2). Anos depois da publicação do texto de Moran, parece-nos que a questão é muito mais fundamentada no ponto de vista, e menos no instrumento.

A leitura e a escrita ficam ressignificadas pela tecnologia. Para Ferreiro (2008), graças às novas tecnologias, talvez seja mais fácil introduzir a criança à cultura letrada e não haveria sentido perguntar se são boas ou más, se servem ou não. Fato é que as salas de aula, hoje em dia, estão

ocupadas por leitores vorazes e escritores incansáveis e, nesse sentido, Prado e Condini (1999) enxergam uma predileção geral por uma ou outra dessas práticas. O problema oriundo dessa orientação é dúbio, se todos têm um microfone e falam ao mesmo tempo, realmente não estão escutando uns aos outros. Literalmente, estamos muito ocupados com a leitura e a escrita, de tal sorte que se escrevemos muito, lemos pouco, se lemos muito, escrevemos pouco. Tal proporcionalidade cria dois fenômenos importantíssimos para o entendimento do leitor literário do novo século, ambos motivados pela otimização do tempo e de sua capacidade cognitiva: (1) os textos tendem a ser cada vez mais curtos (e.g. Figura 1[3]).

Figura 1 – Tamanho dos *posts*



Fonte: https://blog.bufferapp.com/a-scientific-guide-to-writing-great-headlines-on-twitter-facebook-and-your-blog. Acesso em 20/08/2019.

E, (2) quando *on-line*, as pessoas interagem (i.e. lêem e escrevem) com comentários (interlocutores) com os quais já concordam, ou então os rejeitam completamente antes de terminar de ler o primeiro parágrafo. A esse respeito, em pesquisa recente sobre os efeitos das mídias sociais, pesquisadores da Escola de Medicina da Universidade de Pittsburgh descobriram que fatores de depressão estão intimamente ligados (2,7%) com tempo de uso e tipo de exposição a informações em redes sociais.[4]

A partir das conclusões admitidas em (1) e (2), podemos conceber que o leitor literário

[3] Tradução livre: Tamanho do Post: Posts com 80 caracteres ou menos têm 66% mais adesão. Entre marcas de varejo, posts com 80 caracteres ou menos recebem 66% mais adesão (# de *likes* e comentários) que posts com 81 ou mais caracteres.
[4] Disponível em: http://www.forbes.com/sites/amitchowdhry/2016/04/30/study-links-heavy-facebook-and-social-media-usage-to-depression/#433567b07e4b. Acesso em 20/08/2019.

está igualmente sujeito a tais fatores em relação ao livro. Na era da hiperinformação, em textos cada vez menores, o leitor está absolutamente predisposto a confirmação do seu sistema de crenças. Portanto, livros podem ser comparáveis com *websites*; há aqueles confusos, prolixos e contrários a seus dogmas, os quais criam imediata rejeição no leitor engajado numa busca despropositada. Outrossim, de modo prático, não há diferença significativa entre ler um *post on-line* em um *blog* e ler um capítulo de um romance de Guimarães Rosa. Podemos "baixar" o livro para nosso celular e, sem perceber, estamos formatando-no como um *blog*.

Fica claro que os fatores que nos levam a ler um grande romance, como "Os Sertões" por exemplo, ou ler páginas e páginas de um blog incansávelmente por horas, perpassam por razões de natureza emocional ou de interesse pessoal – até aí não há grandes novidades. A principal questão é que a escola, de um modo geral, não promove a inserção da leitura literária da mesma forma que a internet o faz, enquanto esta última oferece a leitura de textos maiores e mais densos a partir, única e exclusivamente, do interesse e vontade do leitor, a escola ainda trabalha com a dicotomia prazer-obrigatoriedade, a qual, ulteriormente, proporciona um sentimento inicial de rejeição no aluno (cf. Figura 1). Calvino (2004), em seu livro "Por que ler os clássicos", afirma que um clássico nunca é lido por dever, exceto na escola, a qual caberia possibilitar que os alunos fizessem, eles próprios, suas escolhas. É por essa razão que o presente artigo apresenta a estratégia de ensino baseada na noção do *hiperlink*, com vistas a uma leitura literária mais prazerosa e significativa.

2. O leitor literário no Brasil

No mês de Maio de 2016 foram realizados dois Seminários de Lançamento da "4ª Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil". A pesquisa, organizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), revela hábitos de leitura dos brasileiros e fornece informações importantes para o planejamento de mercado e o fomento de políticas públicas. Anteriormente à edição de 2016, a pesquisa teve quatro publicações referentes aos anos de 2000, 2007, 2011. De abrangência nacional, foram 5012 entrevistados entre novembro e dezembro de 2015.

A metodologia da pesquisa considera as orientações do Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc), da Unesco, e da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI). Segundo o IPL, o objetivo foi buscar um padrão internacional de medição que permitisse eventuais comparações e estudos sobre a questão da leitura no Brasil. Foi considerado leitor, o indivíduo que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. A pesquisa ouviu brasileiros a partir de 5 anos, alfabetizados ou não. Entre os ouvidos pela pesquisa em 2015, 8% se declarou "não alfabetizado" ou que "não frequentou escola formal". Outros 21% disseram ter ensino fundamental I (1º ao 5º ano), 25% declararam ter o fundamental II (6º ao 9º ano), 33% o ensino médio e 13% o ensino superior. No intervalo entre as pesquisas, o percentual de homens considerados leitores foi o que mais subiu. O percentual passou de 44%, em 2011, para 52%, no ano passado. De modo geral, a seguir, será melhor apresentado quem é o leitor brasileiro, com especial enfoque na literatura e formatos de leitura digital.

2.1 Distinções entre regiões e preferências

A pesquisa aponta que o brasileiro lê uma média de 2,54 livros por trimestre. Este número equivale a 4,96 livros por habitante/ano. O levantamento considerou todos os gêneros: literatura, contos, romances, poesia, gibis, Bíblia, livros religiosos e livros didáticos. Deste total de 2,54 livros, o brasileiro leu 1,06 livro inteiro e 1,47 em partes nos três meses anteriores à pesquisa. No aspecto geral, a leitura é um hábito de 56% da população brasileira. Entre os que têm o hábito da leitura, a média é de 4,54 livros no período, com 1,91 inteiro.

No sítio do IPL[5], seu presidente, Marcos da Veiga Pereira, afirma que a ampliação do número de leitores esbarra em dificuldades territoriais e de políticas públicas. Acrescenta que deve haver um investimento no professor, na biblioteca escolar e no mediador de leitura através de programas de iniciativa público-privada.

Em verdade, a pesquisa dificulta fazer qualquer elação entre o crescimento do público leitor com as políticas públicas, pois os dados não foram detalhados por Estados, apenas por regiões.

[5] Disponível em: http://prolivro.org.br/home/. Acesso em 20/08/2019.

Neste aspecto, com exceção do Nordeste, houve um aumento no total de leitores em todas as regiões do Brasil. Em 2011, na terceira edição da pesquisa, o Centro-oeste do país liderava o número de leitores por região com 53%. Em 2015, a região Sudeste passou a ter o melhor percentual, com 61%. A região Centro-oeste ficou na segunda posição (57%) e a região Norte ultrapassou a região Nordeste, ocupando o terceiro lugar (53%). A região Sudeste também liderou em número de livros lidos (inteiro ou em partes) por habitantes nos últimos três meses, com 2,98 - índice que ultrapassa a média nacional de 2,54.

O lar ainda é o principal local de leitura dos entrevistados (81% dos leitores), a sala de aula vem em seguida, com 25%. Em menor número, respectivamente: biblioteca (19%), trabalho (15%), transporte (11%), consultório e salão de beleza (8%).

O percentual das pessoas que disseram não ter problemas para ler caiu de 48%, em 2007 e 43%, em 2011, para 33%, em 2015. Deste percentual, falta de paciência (24%), leitura lenta (20%) e problemas de visão (17%) foram os principais problemas apontados.

A pesquisa revelou que as mulheres lêem mais que os homens, são 59% de leitoras e 52% de leitores. Um aspecto deveras positivo evidenciado pela pesquisa foi o aumento animador de leitores jovens, passando de 53% em 2011 para 67% em 2015, na faixa etária entre 18 e 24 anos. Na faixa dos adolescentes entre 11 e 13 anos é positivo notar que 42% deles lê por gosto.

No que se refere às preferências do leitor brasileiro, 42% dos entrevistados disseram ter o hábito de ler a Bíblia[6]. Em seguida, aparecem os livros religiosos, os contos e os romances, com 22% da preferência do leitor. Os livros didáticos e infantis são habituais apenas para 16% e 15% da população, respectivamente. Entre as principais motivações para ler livros, estão, hierarquicamente, gosto (25%), atualização cultural ou atualização (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar (7%), atualização profissional ou exigência do trabalho (7%), não sabe ou não respondeu (5%), outros (1%).

A orientação religiosa dos leitores adultos fica evidente pelo fato de 50% dos entrevistados desse perfil terem citado a Bíblia (cf. Quadro 1). Entre os mais jovens, a Bíblia foi mencionada como leitura por 31% dos entrevistados, mesmo percentual da resposta “contos”. Portanto, além do “gosto ou interesse pessoal” (47%), a motivação religiosa é uma forte motivação para leitura

[6] Para 28% dos entrevistados, a Bíblia é leitura obrigatória na prática religiosa nas religiões que integram.

no Brasil. Os dados apresentados pelo IPL apontam que, quanto maior o grau de escolaridade, menores são as proporções de motivações de leitura ligadas à "exigência da escola" ou a "religiosidade" e maiores são as respostas de "atualização cultural ou de conhecimento geral". Nesse sentido, é salutar observar que, além da diminuição do analfabetismo em 1% (de 2011 a 2015), aumentou o número de entrevistados que estudam, passando de 68% em 2011 para 73% em 2015. Desse total, no mesmo periodo, houve 3% de aumento na inserção popular no ensino superior (13%) e aumento de 5% no ensino médio (33%).

Quadro 1 – Livros mais citados pelos leitores na pesquisa do IPL e temática (2015)

Ordem	Livro	Gênero/Temática
1	Bíblia	religião
2	Diário de um banana	cartum/ humor
3	Casamento Blindado	religião
4	A Culpa é das Estrelas	romance (ficção)
5	Cinquenta Tons de Cinza	romance (ficção)
6	Ágape	religião
7	Esperança	romance (ficção)
8	O Monge e o Executivo	biografia
9	Ninguém é de ninguém	religião
10	Cidades de Papel	romance (ficção)

Fonte: Instituto Pró-Livro (IPL)

Notemos a participação do público jovem nessa lista. Livros como "Diário de um banana" (Jeff Kinney), "A Culpa é das Estrelas" (John Green), "Cinquenta Tons de Cinza" (E. L. James),

“Esperança” (Suzanne Collins) e “Cidades de Papel” (John Gilbert e John Green) têm forte apelo juvenil. Curiosamente, apenas 1 dentre os 10 livros apontados é de autor(a) nacional (“Ninguém é de ninguém” – Zíbia Gasparetto).

Para a formação da concepção do leitor literário brasileiro jovem, para além das preferências, é necessário compreender os fatores que mais influenciam a escolha de um livro e, contrariamente, aqueles que mais repelem os leitores. A pesquisa promovida pelo IPL mostra que os alunos são atraídos, respectivamente, por: tema ou assunto (30%), autor (12%), dicas de outras pessoas (11%), título do livro (11%), capa (11%), dicas de professores (7%), críticas/ resenhas (5%), publicidade (2%), editora (2%), redes sociais (2%), não sabe/não respondeu (8%), outro (1%). Com enfoque na idade pueril e juvenil dos leitores, crianças e jovens escolhem os livros, geralmente, pela capa ou indicação de professores. Barbosa (2009) auxilia no melhor entendimento desses dados através da pesquisa que realizou sobre letramento literário, destacada na Tabela 1.

Tabela 1 - Por que o jovem não gosta de ler literatura?

Justificativas apresentadas pelos entrevistados para o desinteress e do jovem pela literatura	**(%)**
A literatura compete hoje com a tecnologia.	39,3
A literatura apresenta temas que não interessam a eles	18,8
A literatura apresenta linguagem difícil.	15,7
A obrigação escolar é fator que desestimula o jovem a ler literatura.	14,1
A falta de incentivo dos pais na infância justifica o desinteresse pela leitura de literatura.	11,8

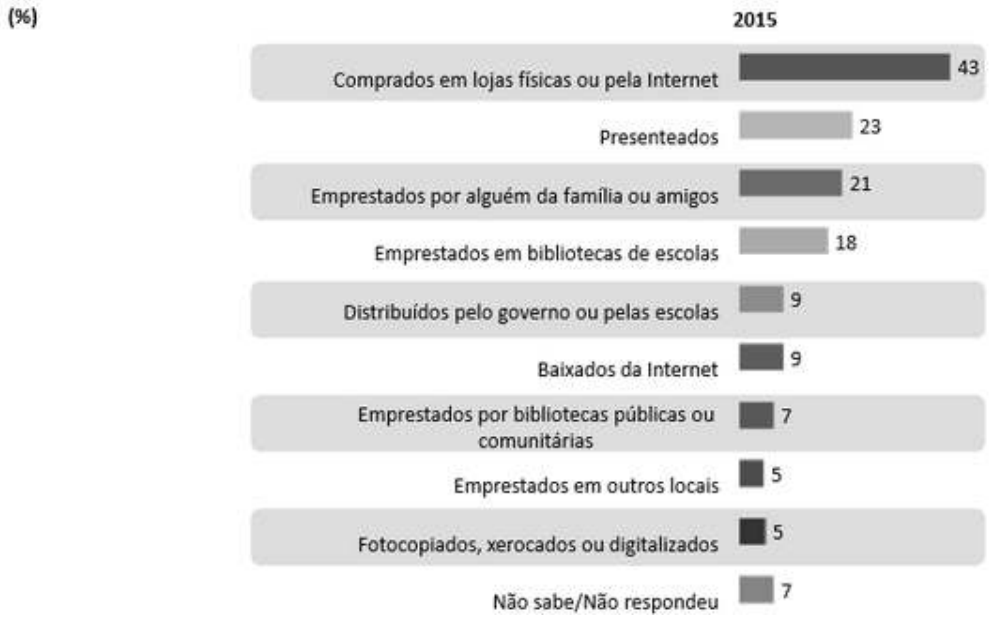
Fonte: Barbosa (2009)

Complementando, Barbosa (Idem) aponta que a esmagadora maioria dos jovens pesquisados pensa poderiam despertar um maior interesse de crianças e adolescentes a presença de temas de interesse da juventude e da atualidade e uma linguagem mais simples.

2.1 O leitor digital no Brasil

A pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro detectou que 81 milhões de brasileiros tinham acesso à internet em 2011. Em 2015, esse número já havia subido para 127 milhões. Sobre as atividades de leitura realizadas por meio da internet, as ações mais apontadas foram: leitura de notícias e informações em geral (52%); estudo e pesquisas para a realização de trabalhos escolares (35%) e aprofundamento no conhecimento a respeito de temas de interesse pessoal (32%). A leitura de livros fica em sexto lugar, com 15%. O Gráfico 1 representa o comportamento do leitor digital brasileiro.

Gráfico 1 – Atividades leitoras on-line (IPL – 2015)



Fonte: Instituto Pró-Livro[7].

O leitor literário jovem é especialmente suscetível à leitura virtual. A faixa etária dos

[7] Disponível em: http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48. Acesso em: 20/08/19.

entrevistados que mais acessam a internet para a leitura de livros é a de 18 a 24 anos. Esse leitor é, em pequena margem, de (1) maioria masculina (53%); e (2) classes B (43%) e C (42%). A distribuição geográfica é um fator importante e comprova fatores de desigualdade no país quanto ao acesso à internet, dos leitores digitais, 48% estão no Sudeste, 23% no Nordeste, 12% no Sul, 10% no Centro-Oeste e 7% no Norte. O crescimento do *M-learning* se ampara na grande participação dos celulares no cotidiano das pessoas, sendo este dispositivo o mais usado na leitura de livros digitais (56%). Os dispositivos *e-readers*, como o *Kobo* e o *Kindle*, ocupam ainda um espaço muito pequeno no mercado nacional, tiveram somente 4% de participação. É interessante observar que o Brasil ainda não criou a cultura do uso de *e-readers*, conforme confirma o Gráfico 2.

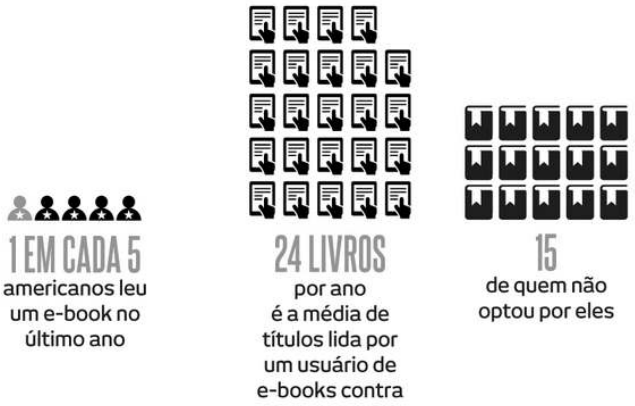
Gráfico 2 – Uso de E-readers no Brasil (2013)



Fonte: Revista Galileu. Disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT327122-17579,00.html. Acesso em 20/08/19.

O enfrentamento de novas realidades literárias passa por uma reavaliação de pressupostos teóricos e metodológicos para o ensino de literaturas. A inserção dos *e-readers (*p.ext. *e-books)* representa um grande avanço nesse processo. Pesquisas recentes em países que já emplacaram a cultura dos *e-books* mostram que, uma vez que a tecnologia está tão arraigada em nossa sociedade, o emprego de leituras virtuais potencializa o crescimento do leitor literário, como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 – Prática da leitura potencializada pelos *e-books*



Fonte: Revista Galileu. Disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT327122-17579,00.html. Acesso em 20/08/19.

Por exemplo, Russ Grandinetti, Vice-Presidente do Conteúdo Kindle da Amazon, durante a Feira do Livro de Frankfurt em 2013 apresentou dados[8] que mostram que as vendas de conteúdo para *e-readers* subiram mais de 50% no Reino Unido e nos Estados Unidos, havendo uma onda de crescimento considerável em países como o Japão e a Alemanha. Grandinetti afirma que a mesma tendência de crescimento ocorreria em cerca de três anos na maior parte da Europa.

Quais os benefícios do crescimento da cultura dos e-books?

As informações apresentadas até o momento conduzem à tal reflexão. De fato, novas tecnologias em leitura não só podem expandir a forma como compartilhamos literatura com outros, mas como a literatura em si pode ser compartilhada com mais pessoas. Além disso, os dados indicam que, quem lê *e-books*, lê mais. A tecnologia pode e deve ser usada para melhorar a experiência de leitura, não apenas a conveniência de leitura.

8 Disponível em https://gigaom.com/2013/10/12/frankfurt-book-fair-2013-new-ebook-markets-battles-and-pricing-strategies/. Acesso em: 20/08/19.

Muitos autores já passaram a adotar a tecnologia como formato principal de divulgação de literatura. No sentido inverso, o mundo virtual também ajuda a criar escritores; é o caso de Matheus Rocha, que, a parir de seus 600 mil seguidores em blog e rede social, decidiu lançar na Bienal do Livro de São Paulo de 2016 seu livro intitulado "No Meio do Caminho Tinha um Amor". Fora do Brasil, por exemplo, o autor britânico David Mitchell ("*Cloud Atlas*") decidiu lançar seu sexto livro em forma de *tweets*; 20 tweets de cada vez, durante sete dias, totalizando 280 tweets para a publicação de um conto. Exemplos não faltam para representar uma era na literatura de caráter multimodal, multilíngue e multigenérica. O livro impresso, todavia, ainda tem seu espaço por admitir um diferente processo de leitura na atualidade, o qual discutiremos adiante.

2. Processos de leitura dinâmica: *skimming, scanning* e *hyperlink*

Embora haja muitas similaridades no processo de leitura de um romance na sua forma impressa ou através de um *e-reader*, o mesmo não pode ser dito do processo de leitura online de um ponto de vista generalista. Como abordado anteriormente, a leitura dinâmica tornou-se uma linha de defesa, uma espécie de filtro, para o colossal volume de informação advindo da internet. Três conceitos são importantes para a ressignificação desse processo: *Skimming, Scanning* e *Hyperlink*.

Skimming e *scanning* não são conceitos novos, tendo há muito tempo já uma ampla difusão no contexto do ensino de língua estrangeira, por exemplo. Tratam-se de expressões do inglês que significam técnicas para ler superficialmente e ler rapidamente, respectivamente (MOURÃO, 2013). Tais técnicas, aplicadas ao mundo virtual, auxiliam o leitor a obter mais rapidamente a informação de um jornal, *website*, *blog*, livro, etc, não sendo necessário ler *ipsis litteris* o seu contexto.

Scanning pode ser sintetizado como leitura específica. É uma rápida visualização do texto. Nesse processo, você lê apenas a informação contida naquele espaço, movendo seus olhos para cima e para baixo ao longo do texto, procurando as principais palavras, sentenças, conceitos e palavras-chave. Ao realizar o *scanning*, é importante prestar atenção em pontuações, marcações,

números, letras, símbolos, etc. Em textos atuais, inclusive jornalísticos, é muito comum encontrar palavras sublinhadas, em negrito e itálico, assim como diferentes tamanhos de letras. O processo de scanning é indicado se o leitor busca localizar alguma informação específica e, de certa forma, precede a etapa do *skimming*.

Skimming, ou leitura rápida, é a técnica que permite ao leitor identificar rapidamente a ideia principal do texto. Sendo mais abrangente do que o *scanning*, no processo de *skimming*, é desejável que o leitor tenha: (a) mais conhecimentos sobre o texto e sua organização textual; (b) percepção do vocabulário; e (c) habilidades para inferir, decodificar, compreender e interpretar ideias. O *skimming* é indicado para aquele leitor que tem um grande número de informações para ler num curto espaço de tempo. Uma leitura na técnica do *skimming* pode ser feita numa velocidade de três a quatro vezes maior do que em uma leitura normal. Diferentemente do que se possa imaginar, esse tipo de leitura exige alguma técnica e requer atenção e cuidado para fazer as ilações corretas para não se perder entre as ideias de um texto. Fazendo um paralelo no nível gramatical, no processo de leitura *skimming*, seria desejável ao leitor que encontrasse o sujeito (do contexto), então o verbo e, porventura, seus objetos. Quando estes elementos estão identificados, todos os demais elementos se tornam mais compreensíveis. Isso faz com que você descubra a função principal do texto e não a ideia geral. Na macroestrutura, por extensão, não seria preciso se preocupar com todos os detalhes do texto, apenas exercer um contínuo foco nos principais aspectos textuais conforme progride com a leitura.

O *hyperklink* (redução, *link*), traduzido para o português como hiperlink, hiperligação, liame/ligâme, ou ligação, ao contrário de *scanning* e *skimming*, não é uma técnina de leitura, mas o conceito de uma referência dentro de um documento em hipertexto a outras partes desse documento ou a outro document (BROUGHTON, 2008). Originariamente vinculado ao mundo virtual, os *hyperklinks* têm uma natureza bidirectional, isto é, podem ser seguidos em duas direções, de modo que ambas as extremidades atuem como âncoras e como alvos (da informação). O efeito do *hyperklink* depende da própria ligação, por exemplo, no mundo virtual, a maioria dos *hyperlinks* direcionam ao documento de destino em substituição ao documento que está sendo exibido; em outros casos, direcionam ao documento de destino em uma nova janela ou aba. Outra possibilidade é a inclusão, quando o destino do *hyperklink* é um fragmento

do documento que acrescenta à âncora no documento de origem. Do ponto de vista do conteúdo, os *hyperlinks* não só dão maior visibilidade e contribuem com os processos de *scanning* e *skimming*, eles permitem a expansão do conteúdo informacional em múltiplas direções.

A integração dos conceitos de *scanning*, *skimming* e *hyperlink* é fundamental para a compreensão do leitor literário na atualidade. Explicamos. Os processos de leitura se diversificaram; enquanto no passado as técnicas de leitura de *scanning* e *skimming* eram ensinadas na escola, por serem consideradas mais complexas, atualmente nossos alunos já adentram no mundo escolar relativamente versados nesse tipo de leitura, pois a alfabetização digital tem antecedido a alfabetização linguística formal (MENEZES, 2007). Considerando que quase todas as atividades humanas dependem de certo tipo de leitura, é papel da escola lapidar tais processos, de modo a atender situações comunicativas distintas e diferentes maneiras de realizá-las. Para além das questões de gênero envolvendo objetivos e finalidades (comunicativas), o que está em discussão no presente artigo é a técnica empregada no processo de leitura literária.

Obviamente, a técnica utilizada para realizar uma dada leitura deverá ser escolhida de acordo com o objetivo que você possui. O grande problema é que alunos e professores estão entrando em constante desacordo de objetivos, o que, por sua vez, interfere nas técnicas de leitura empregadas e resultados esperados. Nossos alunos, muitas vezes, dominam certas técnicas de leitura dinâmica com primazia. Ao ler um livro, contudo, qual é o objetivo (que formata a técnica)? É certo que a leitura é sempre motivada, seja pelo prazer, necessidade de obter informação, ou ainda alguma outra motivação. Via de regra, os alunos atualmente, ao deparar-se com o texto, empregam, primeiramente, as técnicas de leitura que lhes são mais comuns (leitura dinâmica) e, consequentemente, ajustam a técnica para progredir na leitura. Desta forma, a leitura literária parte de (1) saber sobre uma informação específica (*scanning*) para (2) a exploração textual pela revisão e releitura ampla (*skimming*). Acontece que o professor, na mais das vezes, está interessado em obter do aluno uma compreensão aprofundada do texto e, no caso da literatura, ainda há o aspecto da busca da *katharsis* e da *poiesis,* as quais só poderiam ser obtidas na investigação do gênio literário. Tendo em vista que, no contexto descrito, o que distingue professores e alunos é uma questão de conflitos de objetivos e processos de leitura, o conceito do *hyperklink* proporcionaria uma ponte entre as práticas de ensino de literatura e a linguagem e

metodologia empregadas pelos nossos alunos (p.ext. leitor virtual).

3. O modelo do *hyperlink*: livros como objetos e fragmentos

Uma desvantagem da democratização tecnológica é que ela não levou a um próspero mercado de ideias, mas um maior recolhimendo ao mundo das sombras da caverna platônica. Talvez, nós nunca tivéssemos precisado tanto de um lugar mais seguro e mais silencioso para recolher os nossos pensamentos do jugo coletivo, pois ele está em todo lugar, a todo o momento. A leitura dinâmica é esquiva das flechas desferidas pela barra de rolagem, pois já não é tão fácil categorizar preventivamente o que lemos, antes de realmente lê-los. A navegação *online* promove um caleidoscópio de emoções que poucas obras literárias são capazes de reproduzir.

Entretanto, um argumento comum para os amantes da palavra impressa é o da inigualável sensação que só um livro pode proporcionar, até mesmo o peso de carregá-lo. O poder imersivo de um livro é dificilmente igualado. Acrescente o amor a um autor, personagem, época e terá o valor de um livro como objeto. Portanto, poder-se-ia dizer que, se não totalmente, ao menos praticamente, o livro foi esvaziado em seu valor informacional. Para o leitor literário, o livro é um objeto de valor sentimental, tal qual um disco de vinil para um músico colecionador. O leitor atual não precisa do livro, o leitor quer o livro. Quer não apenas por seu conteúdo, mas pela sua forma física, no seu estatuto de objeto. Exemplo do livro como objeto é a crescente quantidade de jovens que compra livros para multiplicar e eternizar de alguma forma os sentimentos e as histórias que chegaram a seus ouvidos de outra forma multimidiática (cf. Quadro 1).

Numa outra via, os livros passaram a consubstanciar-se como fragmentos. É precisamente porque agora lemos e consumimos mais material escrito, que o livro precisa concorrer com diferentes formatos e conteúdos, codificados em texto, por vezes, curto, redundante, especulativo, mal pesquisado, partidário, etc. O leitor geralmente, lançado nessa infindável catarata de informações, já não tem o mesmo furor (ou tempo) para o texto literário. A diversidade de opções de entretenimento ameaça de ocaso romances, ensaios, peças de teatro, etc. Mesmo que os livros estejam próximos de todos – física ou virtualmente – as informações

contidas neles ficam armazenadas na prateleira de cima. Um trecho de um poema de Drummond pode ser lido num *smartphone*, em pé no metrô a caminho do trabalho. O mesmo trecho, minutos depois, pode ser compartilhado, reescrito, alterado e comentado de diferentes formas, as quais potencialmente podem assumir protagonismo sobre o original. Portanto, fenômenos como a relativização do prestígio literário são ampliados pela pluralização do texto e da autoria, o que não deve ser necessariamente encarado como algo ruim, mas um fenômeno do *zeitgeist* com o qual a sociedade ainda está em processo de adaptação.

Memes, comentários, *tweets* são exemplos de textos densamente produzidos diuturnamente. O nosso contínuo consumo de texto está intrinsecamente ligado ao nosso contínuo esquecimento. Independentemente da vontade, todo indivíduo é vítima e perpetrador deste processo social cíclico, a menos que busque uma vida de eremita. Tal discussão não intenta rejeitar ou minimizar o livro. Às vezes, o conteúdo de um livro em si, e sua relação com o mundo exterior, é o que mais afeta nossa leitura dele. Como um livro é editado, por exemplo, ou o contexto em que foi organizado, pode afetar a nossa leitura do seu conteúdo. Koch e Elias (2006) afirmam que diversos fatores podem afetar a maneira como lemos o conteúdo de um romance. O importante não é simplesmente o contexto em que um livro foi escrito, mas o contexto de como o livro veio a ser capaz de definir a nossa leitura. Daí porque Bakhtin (1997) considerar as leituras como absolutamente múltiplas e imprevisíveis. Após uma dada leitura, as responsividades são diferentes (i.e. o leitor pode tornar-se mais mordaz, reflexivo, tolerante, radical, etc.).

A cultura do *hyperlink* é igualmente pautada da imprevisibilidade e pluralidade. Não há como prever para qual direção um leitor virtual vai rumar, por isso os textos na *World Wide Web* tendem a ser curtos (cf. Figura 1), atrativos, persuasivos e possibilitar outras leituras através do recurso do *hyperlink*. Em estudo sobre a persuasão, Kitis e Milapides (1997) argumentam que a persuasão é sempre mais efetiva quando o leitor não percebe que está sendo convencido. Portanto, convencer o leitor literário a ler mais e a ler com mais profundidade depende de um convencimento amparado sobejamente em garantir diversos caminhos possíveis e uma atitude desprentenciosa, tal qual a inserção de um *hyperlink* num texto online.

Resta indagar, nossos alunos farão *scanning* e *skimming* de Machado de Assis? Sim, muito possivelmente já o fazem. No entanto, essa atitude apenas mostra um apetite ávido por respostas: o que é isso? O que tem aqui? O que há de legal aqui? Como começa? Como termina? Etc. Ao invés de recriminar esse tipo de comportamento do aluno, um dos caminhos do professor é embarcar na sintetização textual e criar os *hyperlinks* necessários para transformar o livro-fragmento no livro-objeto. Não se trata mais do professor criar a leitura, mas somente criar a curiosidade e o amor por algo que, de tanto se querer, será buscado de todas as formas. O livro não deve competir com os demais formatos de acesso ao conhecimento, mas ser um deles, quiçá o mais especial e íntimo, aquele que hoje em dia se quer sem precisar.

Considerações Finais

Ao nos debruçarmos sobre quais caminhos teóricos e metodológicos o ensino de literaturas assume no mundo contemporâneo, a tecnologia é um fator preponderante. No entanto, ela não parece pronta para parar a palavra impressa. Longe do medo da mudança por novos métodos para consumir o texto escrito, o entendimento é de que devemos abraçar novos e excitantes meios de leitura. Na era dos e-leitores, o novo papel do livro passa pela ressignificação das técnicas de leitura e adaptabilidade dos modelos de leitura dinâmica para a leitura literária, um processo que pode se amparar no conceito *hyperlink* para estabelecer a ponte entre o livro-fragmento e o livro-objeto.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. *Integração das tecnologias na educação*. Brasília, DF: MEC, SEED, 2005.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Begma Tavares. *Letramento literário: escolhas de jovens leitores*. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, v. 32, 2009.

BROUGHTON, John. *Wikipedia Reader's Guide: The Missing Manual*. O'Reilly Media, Inc., 2008.

BUFFERSOCIAL BLOG. *A Scientific Guide to Writing Great Headlines on Twitter, Facebook, and Your Blog*. Disponível em: <https://blog.bufferapp.com/a-scientific-guide-to-writing-great-headlines-on-twitter-facebook-and-your-blog > . Acesso em 20/08/2016.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FERREIRO, Emília. Computador muda práticas de leitura e escrita. *Revista acesso de Educação e*, 2001.

_____. L'écriture avant la lettre. Hachette Éducation, 2008.

FORBES. *Research Links Heavy Facebook And Social Media Usage To Depression*. Universidade de Pittsburgh. Disponível em: <http://www.forbes.com/sites/amitchowdhry/2016/04/30/study-links-heavy-facebook-and-social-media-usage-to-depression/#433567b07e4b> . Acesso em 20/08/2016.

GIGAOM. *Frankfurt Book Fair 2013: New ebook markets, battles and pricing strategies*. Laura Owen. Disponível em: < https://gigaom.com/2013/10/12/frankfurt-book-fair-2013-new-ebook-markets-battles-and-pricing-strategies/b > . Acesso em 20/08/2016.

GOUVÊA, Sylvia Figueiredo. Os caminhos do professor na era da tecnologia. *Revista de Educação e Informática*, Ano 1999.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *4ª Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em: < http://prolivro.org.br/home/ > . Acesso em 20/08/2016.

KITIS, Eliza; MILAPIDES, Michalis. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics*, v. 28, n. 5, p. 557-590, 1997.

KOCH, I. V & ELIAS, V. M. Ler e compreender – os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

MENESES,Francisco Moreira. Os Prós e os Contras da Inclusão Digital. Escola Técnica Federal de Brasília. Distrito Federal, 2007

MORAN, José Manuel. *A integração das tecnologias na educação*. São Paulo: Salto para o Futuro, 2005.

MOURÃO, Janaína Pereira. "Skimming x Scanning"; *Brasil Escola*. (2013). Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/ingles/skimming-x-scanning.htm >. Acesso em 20 de agosto de 2016.

PRADO, Jason (Org); CONDINI, Paulo (Org). *A formação do Leitor*: pontos de vista, Rio de Janeiro: Argus, 1999.

RAMAL, A.C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REVISTA GALILEU. *E-books no Brasil: agora é pra valer?* Disponível em: < http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT327122-17579,00.html > . Acesso em 20/08/2016.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.* Educação e Sociedade, 2002, p. 143-160.